

EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA NA LITERATURA MEDIEVAL À LUZ DE WALTER BENJAMIN

IGOR ROSA DIAS DE JESUS*

LIMA DA SILVA, João Gabriel. O castelo da experiência: Walter Benjamin e a Literatura. Curitiba: Appris, 2015, 226 p.

Walter Benjamin foi um dos filósofos mais plurais que o século XX conheceu. O estudo de sua obra é considerado relevante para aqueles que estudam a filosofia da arte, a estética, a ética e a educação.

À semelhança de seu compatriota Friedrich Nietzsche e do francês Michel Foucault, Walter Benjamin não é apenas um filósofo plural, mas também alguém com uma vasta obra. Nesse caso, uma das primeiras perguntas que se apresenta àquele(a) que tem intenção de adentrar a sua obra é: por onde começar?

“O Castelo da experiência – Walter Benjamin e a Literatura”, escrito pelo psicólogo e mestre em psicologia João Gabriel Lima da Silva, é, sem sombra de dúvida, um excelente começo. Sustentando uma prosa fluida e caprichada, capaz de captar o leitor iniciante, ao mesmo tempo em que apresenta densidade científica e epistemológica na qual fica patente um árduo trabalho de pesquisa, o livro de João Gabriel deixa pouca margem para críticas negativas. O mote central do livro é, basicamente, a discussão do conceito de experiência e de vivência em Walter Benjamin, e a aplicação desses conceitos a alguns casos da literatura medieval.

A primeira seção, composta por dois capítulos, é responsável por promover a

Resenha recebida em 4 de março de 2016.

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: igdias@uol.com.br

apresentação dos constructos de experiência e de vivência, que são as versões em português para os termos em alemão *Erfahrung*, e *Erlebnis*, respectivamente.

Esses termos são contextualizados e discutidos num processo que os esclarece ao leitor e os diferencia entre si. Essa construção é feita a partir de um processo lógico-temporal que vai apresentando toda a cadeia filosófica pregressa que se dedicou ao destrinchamento desses conceitos, tais como Kant, Hegel e Dilthey. Dessa forma, João Gabriel cria uma estrutura que permite posicionar a filosofia da experiência e da vivência desenvolvida por Walter Benjamin como resultado de um processo acumulativo em relação àqueles que o antecederam, e também como a aplicação de uma desconstrução crítica e vigorosa em relação a esses mesmos filósofos. O resultado é a apresentação de um *corpus* teórico, até então completamente novo, que Walter Benjamin desenvolve dentro de sua esfera conceitual e que João Gabriel não hesita em trazer à baila.

Esse processo de construção nivela o leitor iniciante e o leitor de conhecimento médio, colocando-os a par de uma certa tradição filosófica que se mostra imprescindível a um justo entendimento dos conceitos. Ao mesmo tempo, premia o leitor que já está familiarizado com a filosofia benjaminiana, ao apresentar um diálogo sólido de Walter Benjamin com seus pares, e com ele mesmo – não raro, João Gabriel justapõe passagens de diferentes obras de Walter Benjamin, como o breve artigo “Experiência” e os livros “Experiência e pobreza” e “Sobre o programa da filosofia do porvir”.

A segunda seção, composta por três capítulos, procura entender e aplicar à literatura medieval os conceitos de experiência e de vivência desenvolvidos por Walter Benjamin.

Uma das primeiras coisas que se evidenciam nesta segunda seção é a ousadia do autor, João Gabriel, na proposta que realiza. Ao apresentar conceitos desenvolvidos no século XX para explicar, criticar e comentar fenômenos ocorridos na Idade Média, João Gabriel demonstra habilidade na realização desses intercursos temporais, e expõe de maneira segura e elegante um leque de conhecimento que vai da história à filosofia, e que abrange discussões sobre a arte, a estética e a literatura.

O primeiro capítulo desta segunda seção apresenta a saga Beowulf, um clássico da literatura inglesa, em que a experiência clerical daqueles que detinham o saber e a escrita, aliada à vivência pagã de uma considerável parte da comunidade rural da Inglaterra, acabaram por criar uma obra literária que, até os dias de hoje, é marcada pelos seus conflitos e suas contradições.

O segundo capítulo desta segunda seção conta a história dos trovadores provençais e das condições que possibilitaram a invenção do amor romântico no sul da França durante a Baixa Idade Média. O amor romântico, porém, não surge livre. A possibilidade de existência deste amor se dá, necessariamente, sob um conjunto de regras, sob um método, sob uma forma definida *a priori*. A experiência acumulada, responsável por direcionar a forma de construir, de expressar e de sentir o amor, entretanto, não é capaz de subsumir a vivência de cada um dos autores românticos medievais, o que fica evidenciado nos exemplos dos poetas Cercamon e Bertrand de Born.

O terceiro capítulo da segunda seção, o último antes da conclusão do livro, é aquele em que se apresenta o caso do livro que conta as aventuras do mercador veneziano Marco Polo, que teve uma gama de vivências no continente asiático na era medieval. O relato dessas vivências de Marco Polo, entretanto, é construído pelo seu escrevente, o pouco conhecido Rustischello de Pisa, que o faz sob a égide de uma tradição em produção de livros de viagem muito em voga no período. Rustischello de Pisa, portanto, medeia a vivência de Marco Polo através dessa experiência literária e dessa técnica de produção, desse “como fazer”. O resultado desse processo, em que a vivência é mediada pela experiência, é uma obra recheada de elementos míticos, em que o real e o fictício se fundem numa mistura indiscernível.

João Gabriel conclui, portanto, a partir desses casos, que a experiência e a vivência, isto é, a *Erfahrung* e a *Erlebnis*, se apresentam muitas vezes imbricadas em uma trama de relações, sustentando-se num equilíbrio fugidivo, fugaz. Este equilíbrio se romperia na modernidade, definida pelo autor como uma ruptura da experiência no tempo histórico.

Ainda que não responda aos nossos questionamentos mais imediatos ao acenar para uma questão ainda em aberto para a filosofia e para a história contemporâneas, isto é, a questão da modernidade e do que significa ser moderno hoje, “O Castelo da experiência – Walter Benjamin e a Literatura” surge como um livro que, apostando na decisão de nos confrontar com os conceitos de experiência, de vivência, e de suas relações, com certeza poderá servir como uma ferramenta de inegável utilidade para que consigamos, de maneira mais efetiva, construir e direcionar nossas perguntas.